

pauta livre



ANO 3 - Nº 4
2021/2



**Notícias falsas destroem vidas.
Jornalista deve conhecer as teorias, a ciência,
se casar com a verdade e ser fiel por toda vida**

A pandemia que pegou o mundo inteiro de surpresa nos últimos dois anos (2020/2021) trouxe questões de sensibilidade humanitária à tona. Foram dias de desespero, do número de contaminados e mortos subindo constantemente, a educação sofrendo mudanças drásticas nunca vistas na história, de economia sofrendo vieses terríveis, a pobreza ficando ainda mais evidente, mas uma esperança latente de que a ciência seria responsável por tirar a humanidade desse caos, graças à vacina que seria desenvolvida. E foi assim que aconteceu de fato: a vacina trouxe de volta a esperança de dias melhores, de retomada da vida normal.

Essa edição da Revista Pauta Livre traz um retrato histórico da pandemia. É uma publicação para guardar nos arquivos pessoais e de família, para que vez ou outra você olhe nessas páginas os momentos de uma história que não se vivia há mais de 100 anos e que aconteceu aqui e agora. São assuntos diversos, que mostram como vários setores da sociedade se organizaram durante esse período, como profissionais se reinventaram, como mudaram as formas de se fazer as coisas tão comuns, como ir ao mercado ou passar no médico.

Mas mesmo com impactos importantes trazidos pela pandemia, a humanidade se reinventou. Todo mundo fez a sua parte para que o mundo voltasse a parecer normal.

Boa leitura para todos e todas.

A Revista **Pauta Livre** é uma publicação dos alunos de Jornalismo, de 5º e 6º semestres, como parte do desenvolvimento editorial do Projeto Integrado.

Coordenação:

Coordenadora Geral dos Cursos de Graduação
Camila Lopes Vaiano
Coordenadores de Comunicação Social
Catia Lassalvia
Vicente William da Silva Darde (Jornalismo)
Caio de Salvi Lazaneo

Professores:

Planejamento e Produção para Impressos
Claudia Cruz de Souza
Design Editorial em Jornalismo: Impressos
Paulo Cesar Souza Sampaio
Jornalismo Organizacional e Comunicação Integrada
Maria Cecília Conte Carboni
Jornalismo Científico
José Mauricio Moreira da Silva

Revisão:

Claudia Cruz de Souza

Reportagem, Redação, Diagramação e Projeto Gráfico:

Alexandre dos Santos Barreto
Barbara Aparecida Vaz de Magalhães
Beatriz Vitoria Boaratto Ferreira
Bruna Pereira Barbosa
Cleide Moura de Assis
Giovana Marchesini de Almeida
Giulia Rodrigues Souza
Giulio Guglielmi Zoiro
Iasmin Gonçalves Muniz Santos
Jadkson Rafael Cruz Pereira
Julia Maria da Silva Mazarin
Leonardo Galvão Corbal
Letícia de Oliveira Nogueira
Luana de Sousa Pereira
Marcella de Salles Silva
Marcos Paulo do Santos Albuquerque
Rafaelly Ferreira dos Santos
Sabrina Ribeiro Ferrer Pais
Thalita Tenório Costa Barros
Thamires Lima da Silva Santos
Vitor Cesar Caetano dos Santos
Vitoria Bezerra dos Santos
Vitoris Cristina Santos Pacheco
Viviane Righetti Passerini
Foto de Capa: Bruno Castrioto

SUMÁRIO

SAÚDE

A depressão oculta em um cenário pandêmico caótico.....	4
A luta do sistema de saúde na pandemia da Covid-19.....	6
As sequelas causadas pela Covid-19.....	8
O impacto no tratamento de outras doenças durante a pandemia.....	10

POLÍTICAS PÚBLICAS

A violência epidêmica no Brasil.....	12
Falta de qualificação de professores no ensino público.....	14
Eventos clandestinos são responsáveis por aumento de casos de Covid-19.....	16
Transporte público em meio a pandemia de Covid-19.....	18
ESPORTE vs COVID - Quais foram as marcas deixadas por este jogo.....	20
Artistas na pandemia: os primeiros a parar e os últimos a voltar.....	22

NEGÓCIOS

Mudanças do perfil educacional.....	24
Como ganhar dinheiro com aplicativos de monetização?.....	26
Relação de consumo: O que recebeu um check-up na pandemia?.....	28
E-commerce no Brasil cresce e bate recorde.....	30
A reformulação do turismo em frente à pandemia.....	32



SUSTENTABILIDADE

Como as marcas brasileiras estão contribuindo para o meio ambiente.....	34
O impacto que a pandemia teve sobre o consumo de energia elétrica.....	36
Como a pandemia afetou o meio ambiente.....	38
A pandemia do plástico.....	40
A mudança de consumo na moda.....	42

ESPECIAL

Jornalista formado: hoje, uma necessidade.....	44
--	----



A DEPRESSÃO OCULTA EM UM CENÁRIO PANDÊMICO CAÓTICO

Os impactos causados pela pandemia na saúde mental do brasileiro mostram a necessidade de acompanhamento psicológico tanto para quem trabalha na área da saúde quanto para quem está fora dela.

Foto e texto por: Giulia Rodrigues



Apoio e companhia se tornaram fundamentais para a ajuda de condições psicológicas.

Após a ordem de isolamento social, cerca de 2 bilhões de pessoas foram confinadas em todo o mundo. Neste período de quarentena, muitas outras doenças, inclusive as mentais, foram silenciadas devido ao crescimento de casos do coronavírus: segundo a Organização Mundial da Saúde - OMS, o Brasil é o país que mais apresenta casos de depressão na América Latina, e, em levantamento feito pela empresa tecnológica MindMiners, 54% dos cidadãos brasileiros se encontram em extrema preocupação com a situação da covid-19, desenvolvendo distúrbios psicológicos por isso.

Devido a esta situação, a demanda de pessoas

procurando por terapia cresceu nos consultórios, como conta a psicóloga Kelly Caetano: “O número de pacientes que me procuraram cresceu muito durante a pandemia. Os tipos de distúrbios mentais mais aparentes foram o aumento da ansiedade entre as pessoas, e o desenvolvimento de depressão”, ela diz.

Lilian Sá passou a fazer terapia aos 39 anos após vivenciar a grande crise sanitária causada pela COVID. “Diante do isolamento social necessário, angústia, a solidão, o estresse por ter que coordenar casa, filhos, trabalho e outros afazeres, senti que minha vida corria risco à saúde emocional”, Lilian explica. “Foi então que o farol vermelho acendeu, e entendi

que sozinha não conseguiria. Os resultados positivos logo surgiram em minha vida, e enxergar o lado bom de ficar em casa com meus filhos, o tempo com meus animais, o prazer de voltar a cozinhar e um equilíbrio de dividir a minha vida com um profissional, me fez lembrar que eu não estava sozinha.”

Não somente os isolados sofreram emocionalmente, mas também os profissionais da linha de frente que lidam até hoje com óbitos e muito trabalho. A enfermeira de UTI Kellen Cristina conta como foi o processo de adaptação durante a pandemia. “A rotina foi de humanização, empatia e aprendizado. Não foi fácil passar 12 horas em uma UTI”, relata a enfermeira, que agiu na linha de frente durante o pico de contaminação da doença. “Foi muito triste, muita adrenalina e emoção pois todo paciente é o amor de alguém. Desde a alta até o óbito, as lágrimas desciam. Não existem palavras para descrever o que foi a rotina nos corredores hospitalares”, conclui.

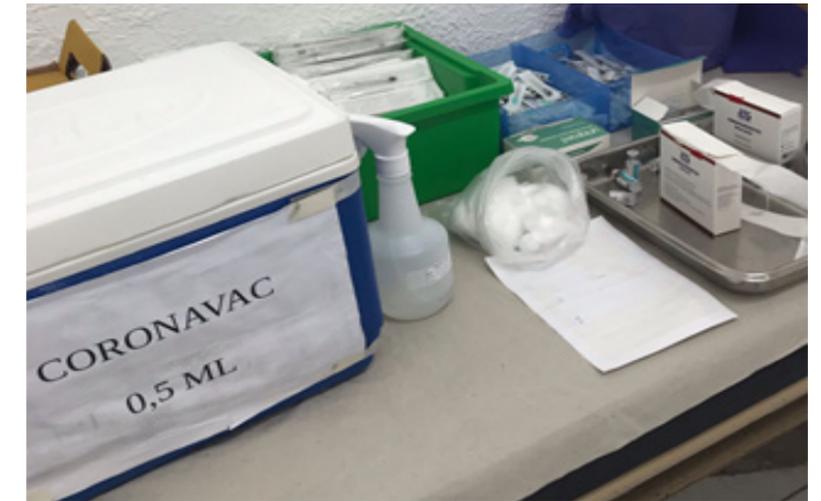
ELES DIZEM “NÃO”

Brasil alcança em 2021 mais de 600 mil mortes por COVID-19 e a preocupação com movimento negacionista aumenta a cada dia

Foto e texto por: Thalita Tenório

A vacinação é considerada um dos meios mais eficazes para reduzir e erradicar doenças: segundo dados de 2013 da Organização Mundial da Saúde - OMS, cerca de dois a três milhões de óbitos são prevenidos por conta dos imunizantes.

No Brasil, as campanhas de vacinação tiveram início no ano de 1804 e eram obrigatórias, com intuito de combater a poliomielite, varíola e febre amarela. Tal obrigatoriedade gerou um sentimento de negação na população, que afirmava pouca segurança ou má conduta na administração vacinal. Essa relutância pode ser explicada pois, segundo a professora Lília Schawarcz, do departamento de antropologia da Universidade de São Paulo - USP, “o negacionismo costuma se fortalecer quando a sociedade se depara com situações de instabilidade.” “Talvez a maior dificuldade esteja sendo espalhar informação verdadeira onde há tanta fake news”, reflete a auxiliar de



Lote de Vacina Coronavac em UBS Parque das Américas, Mauá

enfermagem Aline Nogueira, da Unidade Básica de Saúde de Heliópolis. Em tempos de tecnologia, as informações são disseminadas sem controle por meio das redes sociais e muitas especulações sem fundamentos são divulgadas criando um círculo vicioso que afeta os avanços na saúde pública. O conteúdo apelativo presente nas argumentações do público negacionista também cria um ambiente distorcido com dados manipulados, plantando a semente da dúvida. “Com um estudo experimental, os efeitos são desconhecidos e ocultados da população, como se fosse possível algum remédio sem efeitos colaterais”, relata José Theodozio, morador da cidade de Mauá. As farmacêuticas AstraZeneca, Pfizer e Sinovac, divulgaram os estudos e efeitos colaterais possíveis após a aplicação dos imunizantes, e, posteriormente, o conteúdo foi divulgado por diversos veículos de comunicação.

A minimização da ameaça de uma doença coloca em perigo milhares de vidas em todo o mundo, afetando não só os adeptos a filosofias anti-vacinação, mas também aqueles que são dependentes e necessitam da aprovação para serem vacinados. A estudante Anna Mary afirma que, durante sua infância, sua mãe não permitia a aplicação dos imunizantes: “Com apenas 11 anos, alguns sintomas de hepatite começaram a surgir. Chega ser lamentável saber que nada disso teria acontecido se eu tivesse tomado a vacina.” “Vacina não é uma decisão individual que você pode tomar e que não vai ter consequências para a sociedade. Ao deixar de me vacinar, afeto pessoas vulneráveis ao meu redor, e isso tem que ser compreendido”, finaliza a estudante.



A LUTA DO SISTEMA DE SAÚDE NA PANDEMIA DA COVID-19

A busca por hospitais durante a pandemia mostrou um problema que há muito tempo já existia no sistema de saúde brasileiro: a falta de leitos e equipamentos para atendimento



Foto e texto por: Sabrina Pais e Vitória Pacheco

UBS Vila Silvia, em São Paulo

Já antes da pandemia, o sistema de saúde brasileiro reunia uma extensa lista de reclamações contra ele. Durante o maior colapso sanitário e hospitalar da história do Brasil, o Boletim Fiocruz indicava que 24 estados estavam com a ocupação de leitos da UTI por casos de Covid-19 igual ou superior a 80%, três destes ultrapassaram os 100%, onde pessoas chegaram a morrer à espera de um leito.

A escassez de recursos durante a pandemia foi uma complicação para os hospitais e suas equipes: a falta de oxigênio, leitos, alas médicas e até materiais para uso, desde luvas a álcool em gel tornou o atendimento aos pacientes ainda mais difícil do que antes. “Muitos recursos que tínhamos eram através de doações que recebíamos de todos os lugares. Tivemos sorte, mas outros hospitais só

tiveram uma melhora quase sete meses depois [do início] da pandemia”, disse o Dr. Diego Amoroso, da Medicina de Emergência do HCFMUSP.

No Amazonas, houve o colapso de oxigênio e as unidades não tinham como atender pacientes, precisando enviá-los para outros estados. De acordo com um estudo da PUC-RJ e da Fiocruz, 26% das pessoas hospitalizadas no ano passado precisavam sair de seus municípios para serem atendidas, justamente pela falta de recursos. A situação precária fez famosos, internautas e espectadores promoverem doações para Manaus e outras cidades.

Marianny Rodrigues de Freitas, Coordenadora do Centro de Atendimento Covid em Cachoeira Alta, Goiás, explica sobre uma das causas que impediu a preparação do país: “Não tínhamos noção

como seria uma pandemia a nível global. Infelizmente, à medida que a pandemia foi se instalando, a lotação era tão grande que não havia vagas. Chegamos a deslocá-los para Minas Gerais e São Paulo.”

Taynara Cardoso, de 19 anos, precisou internar a mãe diagnosticada com Covid-19 em um hospital da capital paulista e relata a experiência: “Mesmo sendo um hospital privado, ela ficou sozinha em um ambiente, só depois a levaram para um único quarto com outros pacientes”, conta. “Eles tentavam acomodar ao máximo os pacientes, e nem sempre era da melhor forma”, finaliza.

Embora o país esteja passando pela Covid-19 e tenha superado alguns obstáculos, é difícil acreditar que, considerando o contexto atual, o Brasil sobreviverá a outra pandemia.

Aviso de Vacinação em
Bairro da capital Paulista





AS SEQUELAS CAUSADAS PELA COVID-19

Mesmo após 5 meses de recuperação, muitas pessoas acabaram ficando com sequelas permanentes.



A queda de cabelo se tornou uma das principais sequelas pós-covid.

Foto e texto por: Beatriz Vitoria

Em 2021 após aproximadamente 21,6 milhões de pessoas se contaminarem pelo vírus da Covid 19, os médicos vêm percebendo a existência de sequelas. Alguns casos, mesmo após 5 meses, tem sequelas permanentes. Um estudo feito no Reino Unido identificou que sete em cada dez pacientes hospitalizados por conta da infecção não se recuperaram totalmente, mesmo após esse período.

A pesquisa foi realizada pela Universidade de Leicester e a análise foi feita

com cerca de mil pessoas que ficaram internadas entre março e novembro no ano de 2020. A maioria dos pacientes recuperados apresentou uma média de nove sintomas da doença, mesmo após o fim da infecção.

Perguntei para Danielle, recém formada em medicina e que trabalha em um posto de saúde na zona leste de São Paulo, se ela lidou com pacientes que

possuíram sequelas e se isso era frequente. Ela me informou que sim, muitas pessoas ficam mesmo com

alguma sequela, não todas, mas algumas com os sintomas de falta de ar, não conseguem sentir gosto e nem cheiro após a infecção, queda de cabelo e com dores no corpo.

Pergunto também se eles que lidam diretamente com isso sabem o motivo dessa sequela e ela me responde que nem os médicos sabem ao certo o motivo porque mesmo após 2 anos convivendo com esse vírus tudo é muito recente, até mesmo essa questão da sequela.

Conversei com a psicóloga Vanessa Borges para saber se

após a Covid, aumentaram os casos de pacientes que queira realizar tratamento psicológico referente a alguma sequela que causou após a infecção. Ela me informa que recebeu alguns pacientes que queriam desabafar sobre o que enfrentaram, pois querendo ou não, afeta muito a saúde mental e até mesmo a auto-estima.

Edson Carvalho, que ficou internado na UTI por 1 mês e meio, conta que foi muito

difícil para ele entender tudo o que estava ocorrendo. Quando saiu do hospital estava desorientado, mal conseguiu falar e quando falava a sua voz saía fraca. Ele precisou de acompanhamento médico e fisioterapêutico por até 6 meses, após 1 ano do ocorrido ele me fala que sua vida virou de cabeça para baixo não consegue fazer tudo o que fazia antes pois ainda sente falta de ar.

O que fazer para poder

diminuir o impacto dessas sequelas causadas pela Covid 19? Os especialistas dizem que o ideal é retomar as atividades aos poucos e, de preferência, com acompanhamento. Se sentir cansado

faz parte da recuperação da Covid-19, mas o alerta deve soar se o desconforto for muito intenso procure um médico assim que possível.

Foto por: Beatriz Vitoria



Mais de 50% dos infectados ficaram com sequelas pós o tratamento da covid-19.



O IMPACTO NO TRATAMENTO DE OUTRAS

A chegada do novo coronavírus acabou mudando a realidade das pessoas no mundo, sendo a saúde uma das áreas mais afetadas. Por medo de serem infectados pelo vírus, muitas pessoas deixaram de fazer consultas de rotina, exames e até mesmo procurar atendimento quando acreditavam que seus sintomas não se tratavam de algo grave. A dificuldade de acesso aos serviços de saúde, com hospitais superlotados, sem leitos e salas indisponíveis até mesmo para realização de cirurgias são outros dos problemas encontrados durante a pandemia.

Com a necessidade do distanciamento, a telemedicina acabou ganhando grande destaque nesse período, permitindo que muitos indivíduos tenham acesso ao médico sem precisar sair de casa.

Para o doutor Antônio Jorge Serrão, clínico geral e gastroenterologista no Hospital Unimed em Volta Redonda, a teleconsulta nem sempre é algo acessível a todos: são os casos de pacientes com diabetes, ou de crianças e idosos sem acompanhamento que não tem muita facilidade em acessar a plataforma. Em contrapartida, ele afirma que esse método de consulta traz muitos

benefícios, pois pode ser feita uma triagem dos pacientes a fim de identificar se ele precisa procurar um serviço de emergência ou agendar uma consulta com um especialista.

Táisa Rodrigues, de 49 anos, que tem diabetes, afirma que no início da pandemia teve muito medo de ir ao médico, até que acabou sendo infectada



Táisa Rodrigues dos Santos, 49 anos.

DOENÇAS DURANTE A PANDEMIA

na saúde pública nos próximos anos

mudanças de hábitos por parte dos brasileiros: muitos começaram a fumar, consumir álcool, ficaram mais sedentários e engordaram, o que favorece o desenvolvimento de câncer e outras doenças.

Para Carolina Alvarenga, enfermeira no Hospital São João Batista, é importante informar e alertar a população sobre a necessidade de praticar exercícios, de uma alimentação saudável e estar com os exames e consultas em dia, pois, historicamente, as pessoas não dão a devida atenção aos cuidados da própria saúde.

Mesmo com boa parte da população vacinada, o coronavírus continua sendo um problema no país. Por isso, é muito importante buscar atendimento médico para fazer uma avaliação quando algum sinal incomum surja, evitando a chance de um agravamento de doenças. Também é necessário continuar com os protocolos de segurança para garantir a segurança de todos: usar máscara cobrindo boca e nariz, sempre que possível lavar as mãos, usar álcool em gel e respeitar o distanciamento físico das pessoas.

pela Covid-19. Por estar em confinamento total, ela acabou também tendo crises de ansiedade, até que procurou profissionais para consultas e terapia online. Com isso, ela também obteve receitas para adquirir medicamentos e continuar com seus tratamentos.

Com a pandemia, houveram



Hospital São João Batista, em Volta Redonda (SP)

Foto e texto por: Vitor Cesar

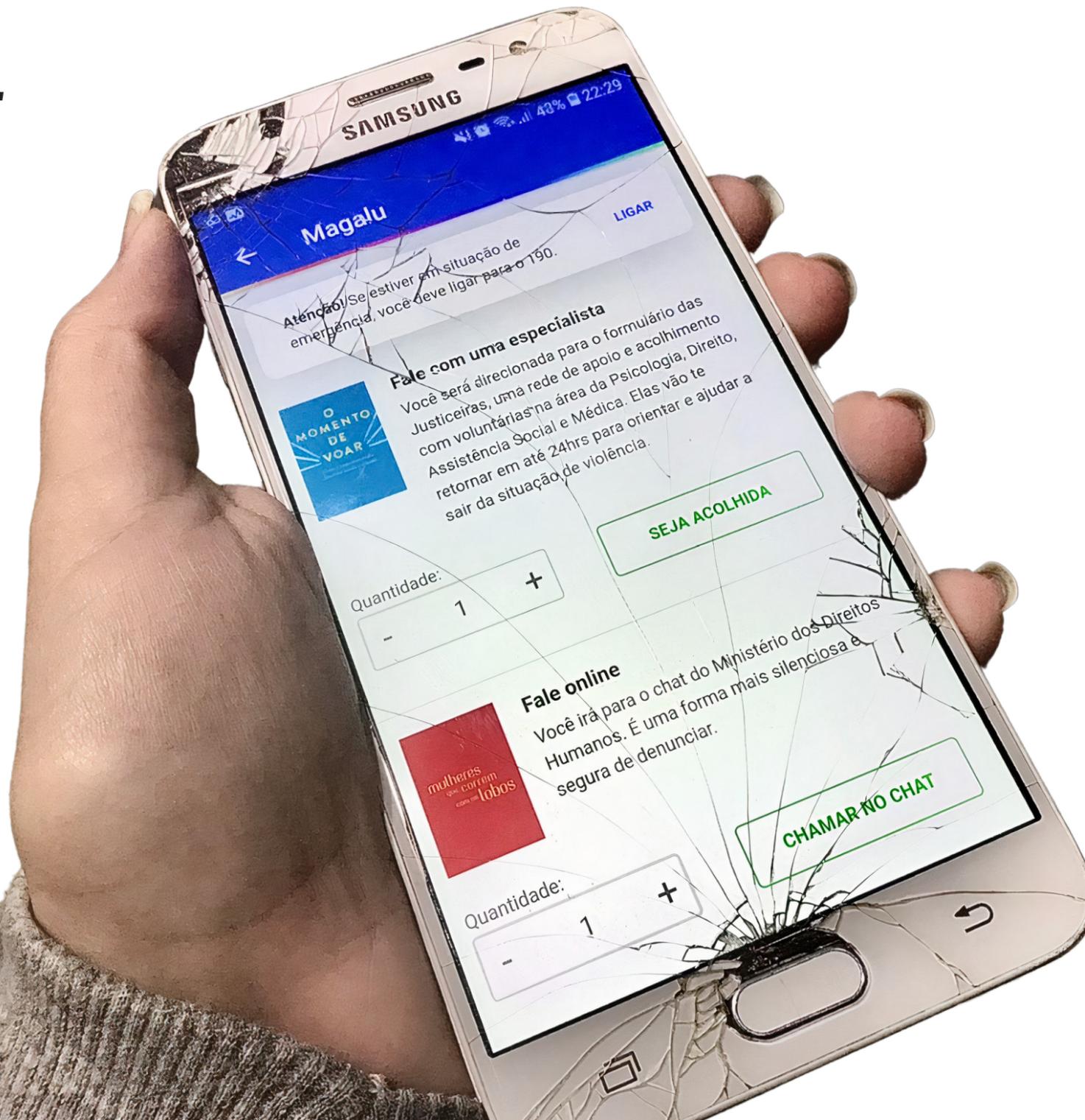


Carolina Alvarenga, enfermeira.

A VIOLÊNCIA EPIDÊMICA

NO BRASIL

O aplicativo Magalu traz a opção de denúncia contra violência doméstica no modelo de compra virtual.



Índices de violência doméstica no Brasil durante a pandemia da COVID-19 tiveram aumentos significativos

Com a adoção de medidas de isolamento social frente ao combate a propagação do vírus COVID-19, o número de casos de violência doméstica contra o público mais vulnerável aumentou, indo na contramão ao número de denúncias, que não chega perto da quantidade real desses eventos. De acordo com dados fornecidos pela Defensoria Pública do Estado de São Paulo, houve um aumento de 175% no número de denúncias no ano de 2020, chegando ao total de 33.318 denúncias feitas desde o início da pandemia. Os dados abrangem apenas a violência contra a mulher, já que para outros grupos vulneráveis, como idosos, deficientes, e crianças e adolescentes, não há moldes que segmentem às denúncias feitas. Para eles, estima-se que a violência doméstica e familiar teve um aumento de 50, mas que apenas 6% dos casos tenham sido relatados, de acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP).

Para a Psicanalista Rosana Zabaki, “o isolamento social expõe o vulnerável a esse tipo de violência e o convívio com o agressor diminui as brechas que ele teria para denunciar”. Para ela, a falta de acesso à órgãos de atendimento impediu que muitas das situações fossem relatadas. Para a FBSP, a maior parte das denúncias eram feitas por “terceiros”, e, com a diminuição do convívio social, houve um impacto no número de casos registrados. Cibele Sabino, Especialista em Comportamento Humano, analisa essa percepção: “O nosso corpo fala, mesmo que imperceptivelmente, nosso corpo dá sinais, e isso pode ser reconhecido”, diz ela. Rafaela Gaspar, atuante em Segurança Pública, existem diferentes formas de denunciar que não as “convencionais”. “Muitas empresas se mobilizaram com a causa, como a Magazine Luiza, que possui um sistema de denúncia que funciona como um simulador de compra virtual em seu aplicativo”. Para ela “é preciso reconhecer a epidemia da violência, muito mais antiga do que a pandemia da COVID-19”.

“É preciso reconhecer a epidemia da violência, muito mais antiga do que a pandemia da COVID-19.”

FALTA DE QUALIFICAÇÃO DE PROFESSORES NO ENSINO PÚBLICO

SEGUE COMO UM DOS PRINCIPAIS PROBLEMAS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

A vivência dentro dos colégios públicos do Brasil mostram as dificuldades encontradas, não só por alunos, mas também por professoras e colaboradores que impactam de maneira brutal na educação.

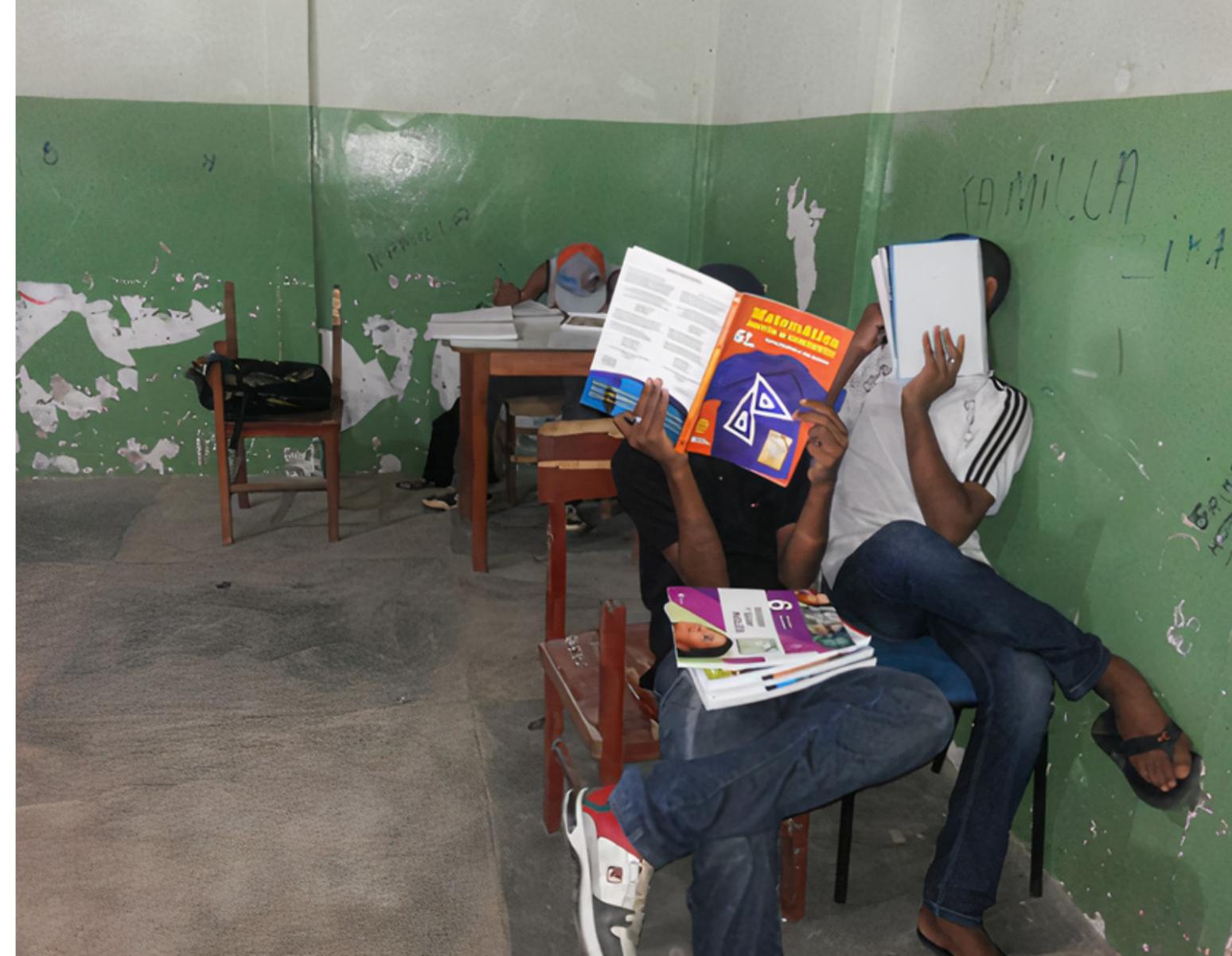
A falta de educação é um grande problema no Brasil, isso é fato, constantemente pautas relacionadas a falta de estrutura que arremete a uma precarização do sistema educacional brasileiro são comentadas por quem tem a educação brasileira presente em seu cotidiano.

David Amorim, ex-aluno da rede pública de ensino, relata dificuldades que enfrenta devido à falta de estrutura na sua formação acadêmica. “É complicado, passei por vários colégios públicos, constantemente encontrávamos greve devido à falta de salário para os profissionais, muitos professores não tinham a formação adequada para o ensino e estavam ali mais para “quebrar um galho”; hoje eu tenho dificuldades com matemática e isso me atrapalha a passar em concursos de emprego.”

Frequentemente essas queixas são encontradas não só por alunos, mas também por professores. Um exemplo é de André Trindade, professor de geografia, que teve que dar aulas de química

devido a falta de estrutura e organização para trazer professores especializados para a escola. “Eu fui demitido do colégio devido a um corte de funcionários, o problema maior é que 2 anos depois fui convidado a dar aulas de química devido a falta de profissionais. Como a vaga estava vazia, eu aceitei, para tentar ensinar algo, mesmo que pouco, aos alunos”.

“Muitos professores não tinham a formação adequada e estavam ali para ‘quebrar um galho’.”



Alunos de colégio público em Vitória da Conquista - BA.

Os problemas se agravaram com a chegada da pandemia em 2020, muitos alunos ficaram sem ter acesso as aulas, como relatou Ronaldo Nunes. “Quando tudo isso começou foi uma grande confusão, nem todos os alunos tinham como ter acesso às aulas online, por isso a escola não pode oferecer o EAD; dessa maneira nós repetiríamos o ano letivo, mas devido a falta de vagas fomos empurrados para o terceiro ano, sem termos aprendido nada no ano passado”, diz o estudante. Essas situações provam como a falta de estrutura afetam o processo de aprendizado dos alunos. Tal descaso com a educação já vem de muito tempo, mas até quando?

“Nem todos os alunos tinham como ter aulas online [...], dessa maneira nós repetiríamos o ano letivo, mas [...] fomos empurrados para o terceiro ano sem termos aprendido nada.”

EVENTOS CLANDESTINOS SÃO RESPONSÁVEIS POR AUMENTO DE CASOS DE COVID-19

Com o início da pandemia em 2020, foi decretado *lockdown* para lidar com o alto índice de contaminação. Com a diminuição no número de infectados, a flexibilização nas restrições de quarentena causou uma sensação de “normalização” em parte da população brasileira.

Mesmo na fase vermelha - fase de restrição considerada mais crítica da pandemia-, eventos clandestinos aconteciam em todas as partes do país. Locais sem ventilação adequada e sem nenhuma medida restritiva respeitada recebiam centenas de pessoas em apenas uma noite.

Mesmos sabendo dos riscos envolvidos, organizadores citaram a realização dos eventos como uma necessidade. “Se a casa ficar sem shows por muito tempo, não será possível dar conta do aluguel, e aí?”, afirmou Wagner Silva, proprietário de um

estabelecimento em São Paulo. Segundo a médica infectologista Cássia Ramos, no que diz respeito a contaminação, estes eventos podem ser um dos maiores vilões para nossa sociedade. “A realização de festas dessa magnitude possui sérios riscos, tendo em vista que uma pessoa acometida pelo vírus pode chegar a contaminar outras 100”, completou.

Em relação à segurança pública, as autoridades do estado de São Paulo tomaram providências imediatas ao encontrarem eventos irregulares. Multas foram aplicadas aos proprietários, podendo levar à prisão caso as medidas não fossem respeitadas. “Estamos trabalhando o mais duro possível para acabar com essa clandestinidade, que não prejudica apenas aquele grupo de pessoas. Antes fosse, né?”, relatou o delegado Lucas Alves.

“Se a casa ficar sem shows por muito tempo, não será possível dar conta do aluguel.”



Interferência policial em festa clandestina em São Paulo após denúncia.



Motoristas fazem seu próprio isolamento dentro dos ônibus em São Paulo.

TRANSPORTE PÚBLICO EM MEIO A PANDEMIA DE COVID-19

Restrições foram adotadas pelos transportes públicos pelas medidas de isolamento para evitar o contágio do coronavírus.

Em 2020, medidas de restrições foram tomadas pelo governo do estado de São Paulo nos meios de transporte públicos, como o uso de máscara obrigatório, higienização dos veículos ao fim de cada viagem e a redução de 40% da frota de ônibus. Mas, em relação aos metrô e trens, pouca coisa pode ser feita.

“Relacionado ao transporte de passageiros sobre trilhos, pouca coisa pôde ser feita. Contudo, houve sim melhoria, mas não o suficiente para gerar grandes efeitos, foi mais relacionado a limpeza contínua dos veículos e instruções constantes aos passageiros”, comentou Laércio Luiz, ex-conselheiro da Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos de São Paulo - EMTU

Apesar das medidas tomadas, alguns motoristas de ônibus relatam que não sentem segurança enquanto trabalham e fazem críticas ao governo. “Os ônibus continuam lotados, eu não sinto segurança trabalhando. O governo não criou nada para que ficássemos protegidos, nós que tivemos que criar um método”, denuncia Jerri Gonçalves, motorista de ônibus em São Paulo. “Tenho mais de 100 colegas que morreram devido a complicações da Covid. O governador João Dória fala muito bonito, quem vê de fora pensa que tudo é lindo, mas foi necessário fazer uma paralisação e pressionar o

sindicato para que pudéssemos tomar a vacina, pois até então só a linha de frente estava tomando.” No início, a população não quis seguir as medidas de restrições, o que dificultou ainda mais o trabalho dos motoristas. “Não teve um planejamento eficaz e informativo por redes nacionais, motoristas sofreram para conscientizar a população”, comenta o fiscal de ônibus João Alves. “Hoje está mais tranquilo, as pessoas dentro dos coletivos usam máscara, mas ainda acredito que a parcela de pessoas despreparadas no Estado continua alta”, completou.

“Os ônibus continuam lotados, eu não sinto segurança trabalhando.”

ESPORTE VS COVID

QUAIS FORAM AS MARCAS DEIXADAS POR ESTE JOGO

Atletas que foram infectados pela Covid-19, ou perderam patrocínios, chegaram a pedir o cancelamento definitivo das Olimpíadas de Tóquio, mas não foi o que aconteceu.

O ano de 2020 foi atípico. As competições foram adiadas e os atletas tiveram que adaptar suas rotinas de treinamento. Portanto, Tóquio recebeu os Jogos Olímpicos apenas em 2021 e, dos 309 atletas que viajaram para representar o Time Brasil, 131 não possuem qualquer patrocínio e mais de 30 precisam conciliar a carreira no esporte com outros empregos e recebem menos de um salário mínimo.

Um dos representantes do país na marcha atlética, Lucas Mazzo, chegou a largar o esporte para trabalhar em uma loja de limpeza. “Se o investimento fosse para todos, não apenas para alguns, minha realidade e de muitos seria diferente. Não é algo impossível por falta de verba, basta os dirigentes e governadores deixarem de se aproveitar”, relatou o atleta.

Depoimentos como esse foram ainda mais frequentes durante o período pandêmico, onde crises financeiras atingiram ainda mais pessoas. Para tentar suprir dificuldades, o Governo do Estado de São Paulo não interrompeu o pagamento do programa Bolsa Talento, que consiste no apoio em dinheiro a atletas em vários níveis de excelência. “Nós nunca deixamos de pagar quem recebe ajuda do programa. Ao contrário do que foi feito a nível nacional, ele esteve em atividade todos os meses da pandemia e continuará assim”, disse o Secretário de Esportes Estadual, Aildo Rodrigues.

Alguns competidores não perderam somente em patrocínios e auxílios, mas também em questões físicas, além das alterações na rotina que geraram impactos significativos. “Fui contra os Jogos por vários fatores. Fui acometido pela doença e não recuperei meu alto nível. Não era para ter acontecido”, declarou Bruno Schmidt, jogador de vôlei de praia.

“Cara, o mundo estava batendo recorde de mortes... Era desrespeitoso, uma competição jamais poderia estar acima disso”, completou.



Os olhos de Lucas Mazzo, atleta do Time Brasil nas Olimpíadas de Tóquio em 2021.

“O investimento não é algo impossível, basta que os dirigentes deixem de ser aproveitadores.”



“Fui contra os Jogos Olímpicos. Não deveria ter acontecido.”

ARTISTAS NA PANDEMIA: OS PRIMEIROS A PARAR E OS ÚLTIMOS A VOLTAR

Como a pandemia afetou a vida das pessoas que vivem da arte.

A pandemia da Covid-19 chegou ao Brasil no início de 2020 e os primeiros a serem prejudicados foram os artistas: todas as atividades que envolviam lazer público foram afetadas devido a necessidade de distanciamento social.

No mundo todo museus, teatros, cinemas, shows e apresentações de todos os tipos foram paralisadas por tempo indeterminado. Os mais afetados foram os artistas da indústria cultural brasileira, que perderam sua fonte de renda e tiveram que se adaptar ao trabalho virtual ou buscar outro modo de sustento.

Boa parte desses artistas não possuem uma renda fixa e dependem das apresentações e do público, para garantir seu sustento. “Eu tinha economias, mas nesse período de meses sem nenhuma renda cortei muitos gastos para conseguir me sustentar”, relatou Rafael Brits, produtor e ator de stand up que estava acostumado a fazer em média 25 shows por mês no Brasil todo.

Diferente de artistas contratados, artistas independentes não receberam nenhum auxílio do governo. “O governo continuou a mesma coisa: artistas



A Maestrina Maíra Ferreira no Teatro Municipal.



O Teatro Municipal vazio.

independentes tiveram que lutar por verbas para dar continuidade aos seus projetos pessoais. Isso é bem diferente da companhia que danço, onde todos os contratados receberam um salário para continuar trabalhando online”, explica Bruno Rodrigues, bailarino do Teatro Municipal de São Paulo. A pandemia afetou em muitos aspectos os artistas além do financeiro: devido às apresentações e ao fato de que é necessário lidar com público, essa categoria profissional foi uma das mais expostas ao coronavírus. Maíra Ferreira, maestrina do coral paulistano do Teatro Municipal de São Paulo, fala sobre sua experiência no trabalho durante a pandemia: “Uma das primeiras vítimas do vírus foi a regente do coral e, logo após sua morte, assumi a regência. Tivemos que lidar com toda a questão do emocional e conseguir continuar de alguma maneira nosso trabalho no modo online”.

Todos os artistas da cultura brasileira foram afetados de alguma maneira com a pandemia da Covid-19. Principalmente pela paralisação de todos os modos mais tradicionais de demonstrar seu trabalho, foi necessário encontrar novos meios de trabalho ou, até mesmo, mudar de profissão para conseguir se sustentar e o governo pouco fez para ajudar os artistas independentes e, assim, preservar a arte.

“Precisei cortar muitos gastos para conseguir me sustentar.”

Mudanças do perfil educacional

Os desafios encontrados pelos estudantes, professores e instituições durante a pandemia.

A adaptação para o ensino virtual foi a principal alternativa para dar continuidade às aulas

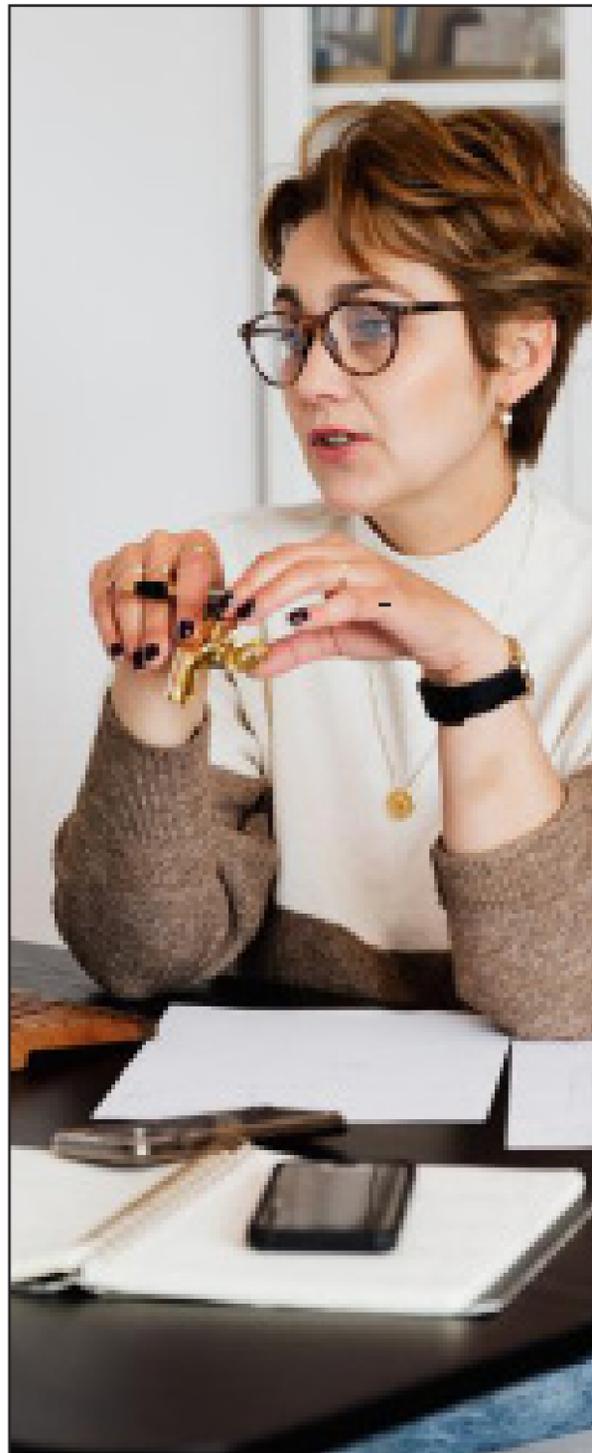
Texto Thamires Lima

(Imagens: Pexels - Karolina G Kabowska)

Durante a pandemia, diversas mudanças ocorreram e transformaram a rotina das pessoas. Dentre elas, está a alteração do ensino presencial para o ensino remoto, que desafiou as instituições de ensino superior, alunos e professores.

Algumas universidades desenharam ações para manter os alunos na graduação, visando os aspectos socioeconômicos e a realidade de cada graduando. Cátia Lassalvia, coordenadora dos cursos de comunicação do Centro Universitário das Américas - FAM, descreve os métodos adotados: “Quando chegou a pandemia, já tínhamos comprado e selecionado o Canvas - Ambiente Virtual de Aprendizagem, então posso dizer que estávamos prontos para o semestre operar com qualidade crescente e sempre com novidades, eventos, parcerias, descontos nas mensalidades, etc.”

De acordo com a pesquisa realizada pela Organização dos Estados Ibero-Americanos - OEI, cerca de 17 milhões de estudantes do ensino médio e dos primeiros anos da graduação tiveram dificuldades em se manter estudando. O ex-estudante de arquitetura Lucas Santana explica que a pandemia e questões econômicas não o fizeram desistir da graduação, mas sim o



(Imagens: Pexels - Andrea Piacquadio /Pexels - Julia M Cameron)

novo modelo das aulas: “Acho que esse fator foi primordial pra eu desistir, pois eu não me adaptei ao formato”.

Já Larissa Alves da Silva, aluna do quarto semestre de psicologia, divide a experiência que teve com a nova realidade de estudar em casa:

“Estudar em casa teve seus pontos positivos: os slides facilitaram, os colegas conversando dificultando a escuta do professor não existem na aula on-line, conseguir gravar alguns pontos da aula se tornou mais fácil.”

Os professores com toda a sua experiência e dinamicidade também se surpreenderam com a

necessidade de se adaptar tão rápido.

Em entrevista à revista Pauta Livre a professora Sandra Trabuco Valenzuela afirma que suas aulas já tinham um método interativo e ela conseguiu adaptá-los para o ensino remoto.

Houve êxito para com os alunos, tornando as aulas mais participativas e motivando os estudantes a interagirem com o conteúdo.

E seguindo a perspectiva de um mundo pós pandemia, a professora finaliza: “Acredito que a tendência será um modelo de ensino híbrido, que conjugue as vantagens do ensino remoto e ensino presencial.”

Como ganhar dinheiro com aplicativos de monetização?

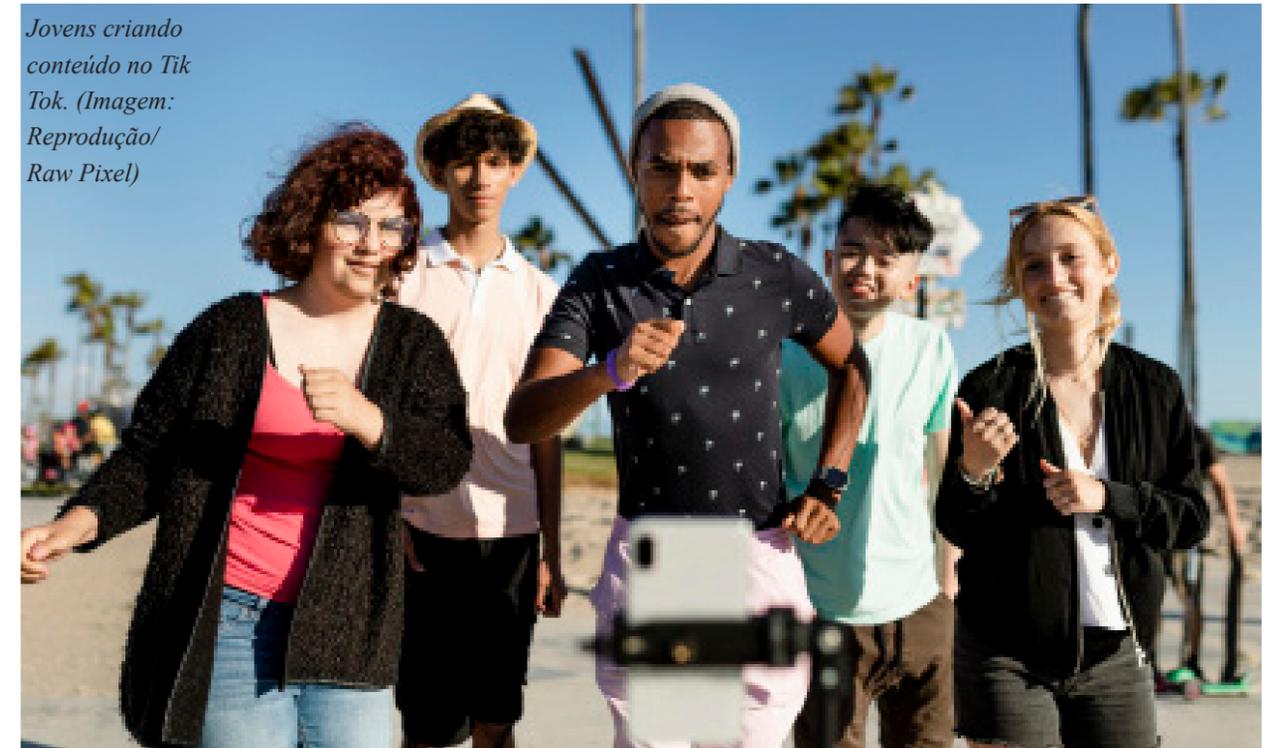
Descubra como “Kwai e Tik Tok” estão impactando os negócios. As redes sociais se tornaram uma febre internacional durante a pandemia e você pode aprender a lucrar com elas.

Texto Alexandre Barreto

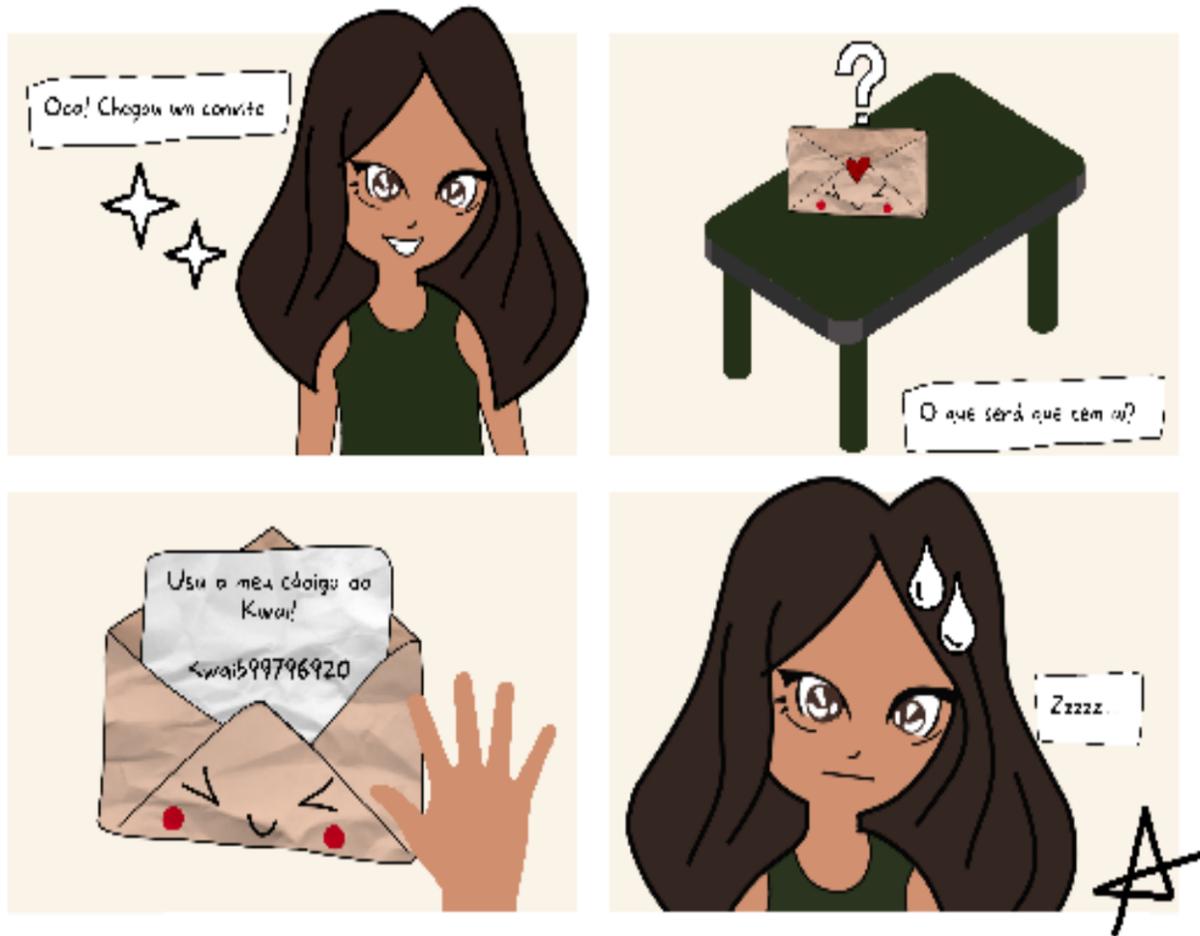
(Imagens: Ilustração e Fotografia Alexandre Barreto)



Jovens criando conteúdo no Tik Tok. (Imagem: Reprodução/Raw Pixel)



Rápida mudança de expressão



Os aplicativos de vídeos curtos estão conquistando a internet. Segundo o jornal Nikkei Ásia, em 2020 o Tik Tok ultrapassou o Facebook e se tornou o app mais baixado do mundo. A popularidade dessa rede fez com que outras seguissem o mesmo caminho: o “Reels” do Instagram e “Shorts” do YouTube foram adaptações feitas para concorrer diretamente com o sucesso do Tik Tok.

Outro aplicativo em alta, principalmente no Brasil, é o Kwai. A plataforma chinesa ficou conhecida pela facilidade que o público tem de ganhar dinheiro. “Eu descobri o Kwai por meio de outras redes e fui atrás para saber como funcionava. Ele tem mais possibilidades que o Tik Tok, tanto pelo bônus diário quanto pelas promoções e as formas de recolher moedas”, pontua Adri Almeida, usuária do Tik Tok e Kwai.

Cada usuário do Kwai possui seu próprio código que pode ser compartilhado com pessoas que nunca usaram o aplicativo. Aqueles que vincularem o seu código de convite no app te ajudam a ganhar dinheiro e recebem uma quantia, que pode ser resgatada na conta bancária. Outras opções como check-ins diários e assistir vídeos rendem o Kwai Golds, a moeda

do aplicativo, cada 10 mil golds equivale a 1 real. A plataforma garante o dinheiro de vários brasileiros, mas é possível ter uma renda fixa com o app?

Comecei a usar esse ano, peguei o código com o Rafa Meny, um influenciador que eu sigo. Eu acho possível ter uma renda com esses aplicativos, mas é preciso ter bastante tempo e dedicação para divulgar em vários lugares”, afirma Joyce Lima, usuária do Kwai.

Kwai e Tik Tok têm um público majoritariamente da geração Z, nascidos a partir de 1995, e as empresas estão empenhadas em atingir esse público que busca por conteúdos rápidos e divertidos. O marketing digital tem uma grande força nisso e não é à toa que várias empresas utilizam esse meio para criar estratégias e lucrar com a plataforma.

“Influenciadores digitais estão ganhando espaço por transmitir o que aquele público jovem deseja e consequentemente divulgar produtos que o jovem gostaria de adquirir. Muitos acabam fazendo marketing sem patrocínio em produtos que são bons e interessantes também, e a rede tem um papel nesse crescimento”, finaliza a analista de marketing digital Ana Miranda.

Relação de Consumo: O que recebeu um check-up na pandemia?



Texto Luana Sousa (Imagem: Freepik / teksomolika)

Com o aumento do número de casos de Covid-19 no mundo, o modelo de compra e venda precisou repaginar os formatos.

Com o avanço do número de casos de Covid-19, em 2020, uma mudança generalizada precisou ser tomada. Em decorrência do fechamento de alguns comércios, uma nova realidade tomou conta da população brasileiro e mundial: uma mudança no perfil de compra e venda foi instaurada e, com isso, a relação de consumo passou a ser olhada com mais atenção. O aumento no número de compras online disparou, e novas estratégias precisaram ser tomadas.

De acordo com a consultoria internacional BIP, Business Integration Partners, as vendas online cresceram 52% ao longo do período. Muitas pessoas adaptaram sua forma de compra para não correr o risco de contaminação. O modelo de consumo e de e-commerce tiveram uma reviravolta.

Para Daniel Henrique, Contador de 41 anos, a mudança foi brusca. O contador optou por fazer todas as suas compras online durante a pandemia pelo medo da contaminação: “O que me atraiu para fazer todas as compras online foram os prazos de entrega, preços, promoções de frete grátis, além da praticidade. No supermercado, o risco de contaminação é muito maior pelo processo geral até chegar em casa”.

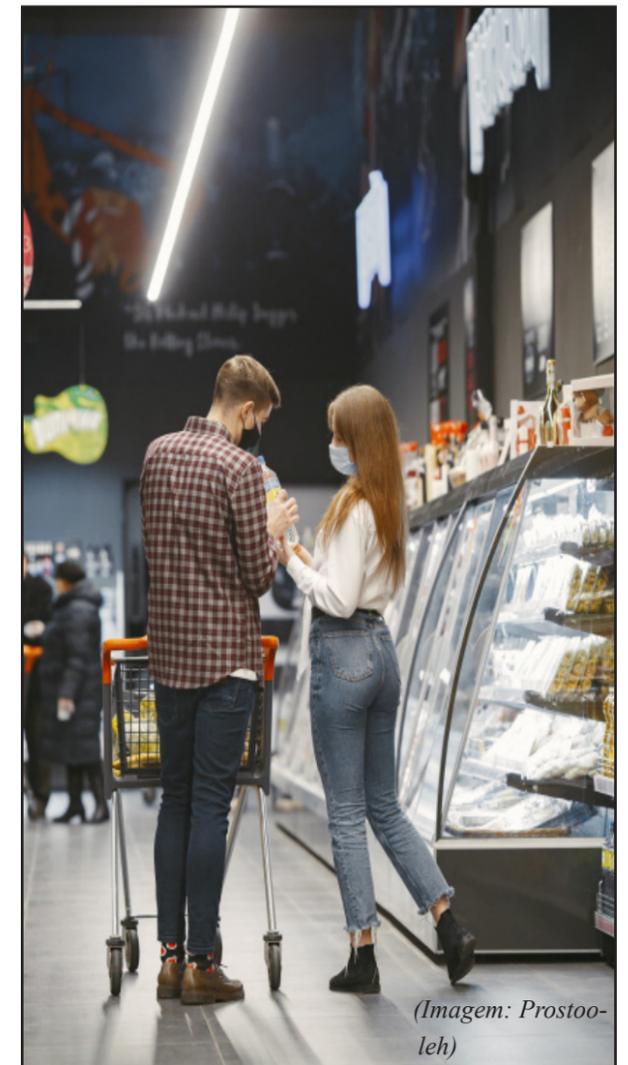
Ao contrário de Daniel, a entregadora Jaqueline Gomes, de 29 anos, não deixou de sair e ir às compras: “O que me impulsionou a continuar ir às compras em meio a pandemia foi a falta de hábito e de manuseio das compras on-line, sabe? Comprar pelo iFood e etc.

Os preços eram muito desiguais no aplicativo, então o que me incentivou mais é a questão do valor”. Além do modelo de compradores, os estabelecimentos também precisaram aprimorar a forma de negócio.

Em entrevista com Andrey Matos, Gerente de Marketing da rede de Supermercados Barbosa, o mesmo afirmou que desde 2016, a rede estava trabalhando no modelo de venda online, mas que precisou correr com os planos assim que notou uma procura maior desse modelo no ano de 2020:

“Os consumidores estão mais híbridos e mais atentos a experimentar novos sistemas, processos e plataformas, por isso é necessário ter muita cautela na hora de investir no e-commerce.

Algumas das dificuldades que enfrentamos foi ter estoque de produtos para o cliente dos dois formatos, a entrega agilizada para quem opta pelo e-commerce e o atendimento rápido para o cliente da loja física. A ruptura é uma das coisas que mais enfrentamos.”, afirma.



(Imagem: Prostooleh)

“O e-commerce teve aumento exponencial durante esse período e o comércio presencial retoma seu espaço pouco a pouco.”



(Imagem: Freepik /jcomp)

E-commerce no Brasil cresce e bate recorde

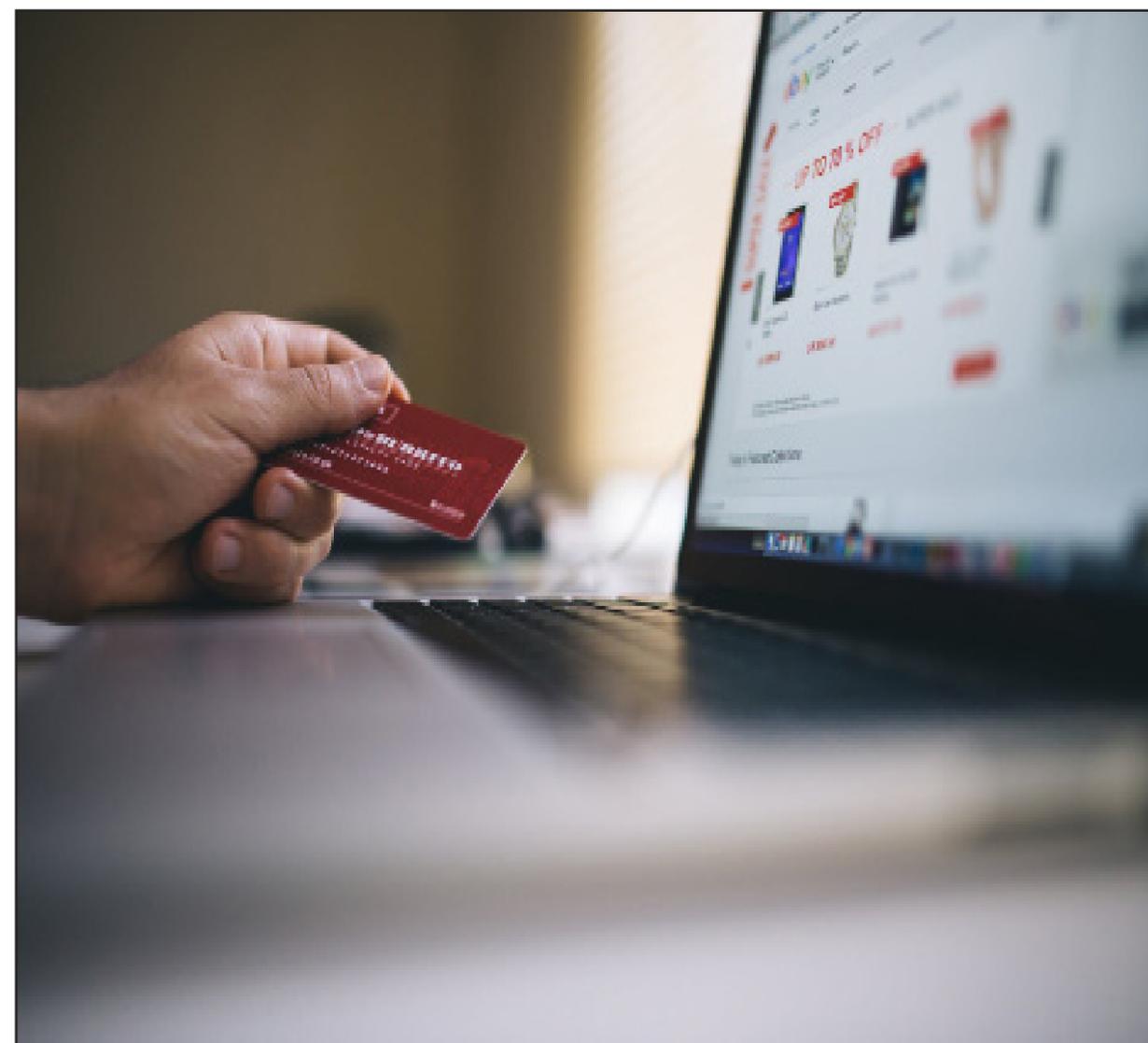
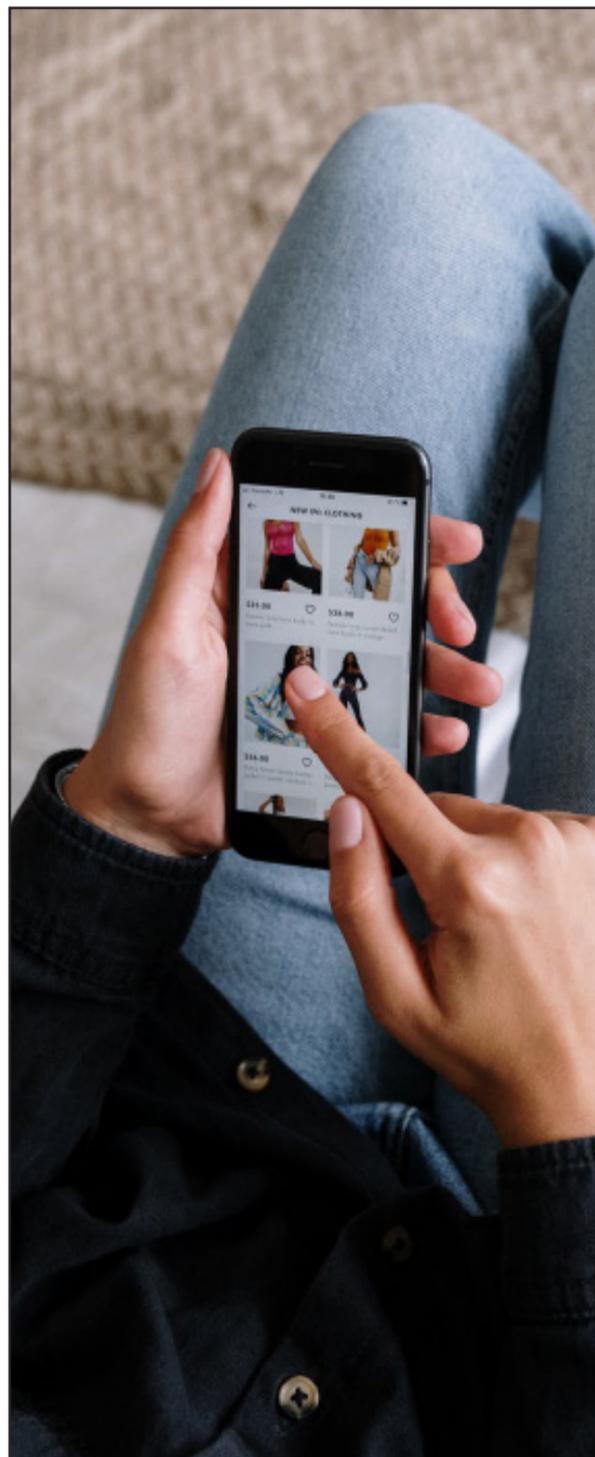
O novo modelo de compras se tornou um caminho prático e necessário na pandemia.

Texto Viviane Passerini (Imagem: Pexels/Cottonbro)

O e-commerce brasileiro bateu recorde de vendas no primeiro semestre de 2021, um crescimento de 31% comparado a 2020. Foram feitas 78,5 milhões de compras online e teve faturamento de R\$ 53,4 bilhões, segundo o Webshoppers, relatório sobre o e-commerce. Os principais motivos foram o fechamento das lojas físicas e a necessidade das pessoas por uma fonte de renda.

Em entrevista, Luciano Gabriel, dono do café Unique, diz que as consequências da pandemia em seu negócio foram imediatas: “Tentamos partir para vendas online, mas a taxa de concorrência é muito alta”. Ele completa dizendo que decidiu apenas contar com a ajuda da divulgação pelo WhatsApp e Instagram e que uma das inovações feitas foi fazer um almoço comercial para todos que trabalhavam e não tinham onde comer.

Já Anália Andrade foi uma pessoa que decidiu abrir seu negócio em meio a pandemia: “Eu investi na incerteza de que houvesse um retorno. Mas hoje em dia deu tudo certo e foio que eu esperava.”, diz a empreendedora. Mesmo com a flexibilização das medidas de segurança, Anália fala que isso não afetou tanto as suas vendas. O gestor de negócios,



(Imagem: Pexels/Negative Space)

Rodrigo Oliveira, ajuda a explicar que esse é o novo normal:

“O mercado digital cresce exponencialmente, pois além de criar conexão de negócios, ele transforma pessoas comuns em empresários. Logo, quem ficar de fora do meio digital, ficará de fora dos negócios.”, completa.

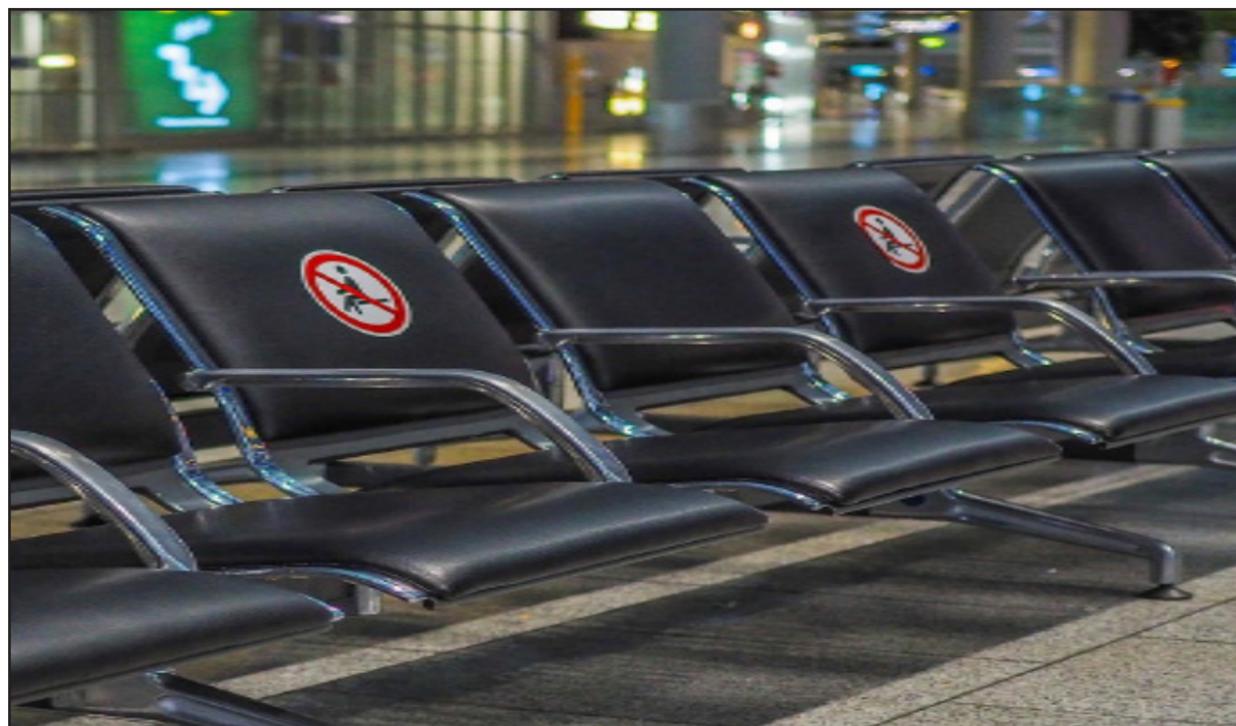
Segundo a economista e mestre em desenvolvimento econômico pela PUCRS, Patrícia Sandes, o que acontece é que a forma de compra e venda foi para a forma digital e muitas pessoas passaram a comprar e ofertar

mais. Ela fala que o meio online veio pra ficar e que o surgimento de novos empresários vai trazer uma nova forma de agir com os consumidores e a Inovação:

“O que antes se entendia por inovação, hoje já está se entendendo que ela tem uma abrangência muito maior. Inovação é quando você faz algo diferente, que traz um resultado novo para seu negócio”, completa.

Assim, o e-commerce veio para ficar e hoje uma empresa tem que estar também no meio digital.

A reformulação do turismo em frente à pandemia



Texto Marcella Salles (Imagem: Pixabay / Michael Gaida)

Um dos setores mais afetados durante a pandemia, o turismo teve que se reinventar para conseguir sobreviver à crise

Desde março de 2020, o setor de turismo vive a maior crise de sua história. Com as novas medidas sanitárias recomendadas pela da OMS, atividades turísticas se tornaram inviáveis, principalmente com decretos de lockdown em diversas cidades ao redor do mundo.

A crise mundial nesse setor afetou não somente empresas especializadas, mas também comércios locais, aumentando as taxas de desemprego e desequilibrando a economia do país, como observado pela turismóloga Ana dos Santos Lopes:

“A perda de renda para os brasileiros e, conseqüentemente, a redução do consumo e da circulação do dinheiro, seja em compra de passagens aéreas, hospedagens e o gasto com o comércio local, gera acontecimentos em cadeia que afetam a economia local, estadual e federal como um todo”, ela explica.

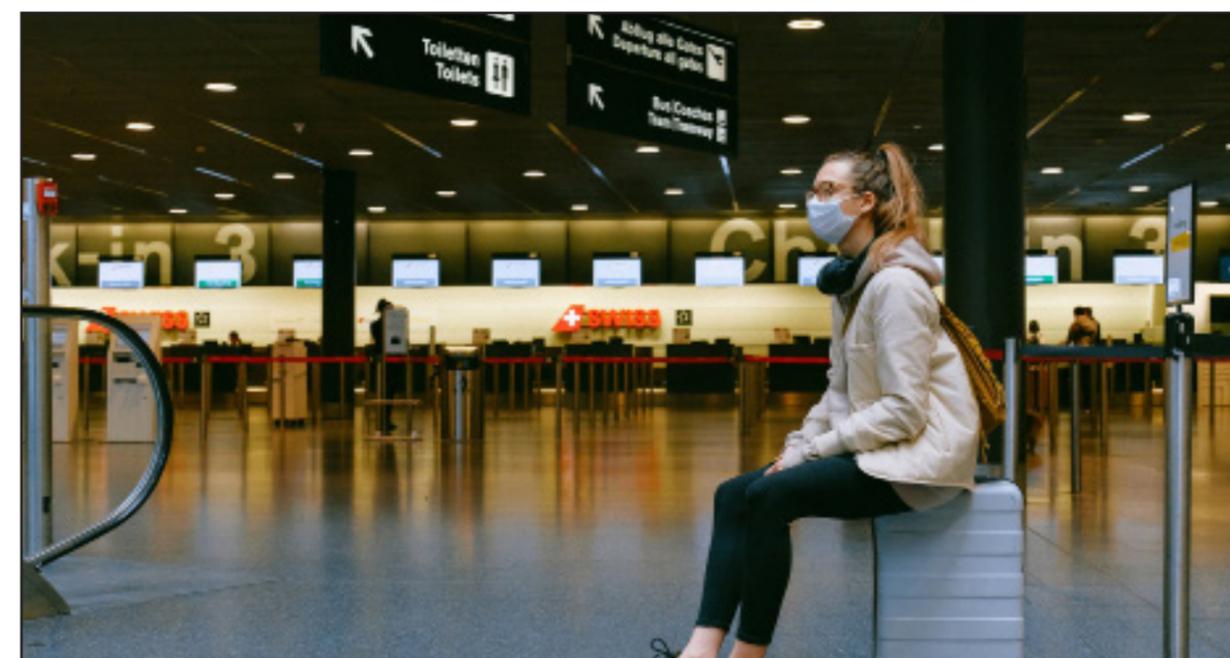
Além disso, é preciso levar em conta a importância do setor turístico, que socialmente promove a inclusão e divulgação de bens, valores e costumes de cada lugar. Economicamente, sua relevância é observada quando se considera a geração de renda e a quantidade de empregos que são criados dentro do próprio setor, com o conseqüente desenvolvimento de centros urbanos que possuem grande fluxo de turistas, ocasionando grandes benefícios às comunidades locais.

A apreensão de grandes empresas aéreas que precisaram repensar sua malha de voos a fim de se ajustar à nova realidade foi evidente, como explica o assessor de imprensa da LATAM Airlines, Gabriel Pereira: que precisaram repensar sua malha de voos a fim de se ajustar à nova realidade foi evidente, como explica o assessor de imprensa da LATAM Airlines, Gabriel Pereira: “Tivemos a necessidade de nos reinventar, uma vez que nosso ‘carro-chefe’ sempre foi conectar o Brasil aos destinos no exterior.”

Ao mesmo tempo, é possível perceber que os efeitos da crise se mostraram tão difíceis em pequenos negócios quanto em multinacionais. A diretora executiva do Hotel Ponto de Luz, Edilene Matos, afirma que o primeiro passo tomado pelo hotel — localizado em Joanópolis —, foi a análise dos cenários financeiros possíveis, a fim de diminuir o impacto da crise. Agora, graças ao crescente índice de vacinação, o setor segue em passos lentos, mas já consegue observar uma luz no fim do túnel que acabe com a maior crise da história do turismo.



(Imagem: iStock / Maksym Belchenko)



(Imagem: Pexels - Anna Shvets)

SUSTENTABILIDADE

COMO AS MARCAS BRASILEIRAS ESTÃO CONTRIBUINDO PARA O MEIO AMBIENTE

Agora, as empresas têm que se adequar aos consumidores cada vez mais exigentes com a sustentabilidade e a preservação da natureza em suas compras

Texto: Iasmin Gonçalves e Vitória Bezerra



Foto do Instagram da marca Jaci Natural.-
Foto divulgação da marca Tropicália Cosméticos.

Redução do uso de plástico, investimento em ingredientes naturais e veganos, testes sem crueldade animal e reciclabilidade: esses são alguns dos valores ambientais que as marcas estão incorporando em seus produtos. A empresa Jaci Natural é uma dessas marcas: a política ambiental da organização é de gerar o menor impacto possível na natureza. “Usamos embalagens com o mínimo de plástico que conseguimos focando na reciclagem de todo o material que geramos”, explica Luiza Monteiro, uma das idealizadoras da marca, que produz cosméticos naturais. “Também temos um e-commerce zero plástico”, finaliza.

Com essa iniciativa, as marcas também ajudam no consumo sustentável dos clientes, pois, ao optarem por comprar embalagens de materiais menos nocivos à natureza, os consumidores contribuem também para a melhoria do meio ambiente - diminuindo, por exemplo, o consumo de plástico pela escolha de produtos e empresas que promovam a sustentabilidade. O uso de materiais como papelão e vidro são excelentes alternativas para reduzir os impactos ambientais, já que, de acordo com levantamento realizado pelo Fundo Mundial para a Natureza em 2019, o Brasil é o quarto país no mundo que mais produz lixo. Isabela Menegassi, fundadora da Tropicália Cosméticos, sabe disso: seus produtos são feitos embalados com revestimentos de vidro ou papel. “Utilizamos



Foto divulgação da marca Água na Caixa.

ingredientes puros, derivados de produtos naturais ou sintéticos seguros”, relata. A empresa ainda possui uma política interna de retorno de embalagens. Essas ações por parte das marcas têm se tornado cada vez mais ativas, de modo que o cenário atual da pandemia da Covid-19 revelou um olhar atento dos consumidores para a questão da sustentabilidade. Segundo Fabiana Tchalian, cofundadora da Água na Cai-

xa, primeira empresa brasileira a oferecer água mineral em embalagem cartonada, as embalagens são reutilizáveis, sendo 82% renováveis, feitas quase só de plantas, 54% de papel de florestas certificadas, 28% de plástico de cana-de-açúcar e 100% reciclável. Fabiana já estabeleceu uma meta para que as embalagens de seus produtos continuem a ser sustentáveis: “Não vamos parar enquanto não for 100%”, ela afirma.

O impacto que a pandemia teve sobre o consumo de energia elétrica

A forma como a doença trouxe consequências para a população também afetou as despesas

Texto: Ana Leticia



Imagem: pexels
Pok Rie

A pandemia do COVID-19 que teve início em 2020, fez com que muitas pessoas refletissem sobre o uso de energia, apesar de todas as complicações, como ter um índice alto de contágio, o que ela trouxe como consequência foi o aumento deste consumo para a população brasileira.

Uma pesquisa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revela que a energia elétrica residencial aumentou 5% em agosto, comparado ao mês de julho que estava em 4,79%, no entanto a conta de luz teve este acréscimo, segundo o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo 15 (IPCA-15).

No entanto o consumo de energia elétrica deve ser consciente e moderado, como conta

Sérgio Pereira de 37 anos, é formado em administração e atualmente faz faculdade de engenharia ambiental: “É importante observar que o uso da eletricidade, teve um impacto principalmente na pandemia, mas é mais um motivo no qual a população deve se manter no ritmo do consumo moderado, pois temos tantos riscos, que podem ser ruins para a sociedade. Propondo uma melhoria e a economia para um desenvolvimento sustentável tenho certeza de que terá grandes mudanças no ambiente, a crise em que estamos vivendo também pode afetar as usinas hidroelétricas”, conta Sérgio.

Em relação ao consumo, tem como resposta a mudança no cotidiano das pessoas, por causa do período de isolamento social, em

questão do crescimento do número de casos devido a doença, foi necessário tomar medidas preventivas para ter uma diminuição de contágio.

O governo teve que mandar colocar horários determinados para fechar estabelecimentos, para circular nas ruas e o confinamento no qual ninguém poderia sair de casa a menos que fosse importante e assim como houve situações de pessoas que tiveram que trabalhar em casa.

À medida que o uso da energia tem aumentado na conta dos brasileiros, foi por motivos como a mudança para home office que algumas empresas adquiriram a opção para evitar a contaminação, e teve pessoas que também perderam seus empregos ou tiveram que fechar o negócio definitivamente.

Como foi o caso da Adriana Cássia, que tem 43 anos e era dona de um restaurante em São Paulo, mas teve que fechar pois não tinha como pagar a conta de energia. Mesmo sendo um negócio pequeno ela tinha muitos clientes, e foi durante a pandemia que teve que deixar de lado: “Eu não conseguia me manter com tão pouco, e ainda tinha a conta de luz de casa e também do restaurante, era um valor absurdo, tive que escolher entre os dois”, explica Adriana.



Imagem: pexels
Luca Nardone



Como a pandemia afetou o Meio Ambiente

A diminuição da interferência humana no meio ambiente durante a pandemia apresentou efeitos positivos quase que imediatos para a natureza

Por: Cleide Assis



Foto: pexels
Ana Shvets



Foto: pexels
Anna Terazevich

Com a implementação do isolamento social imposto pela Organização Mundial da Saúde como medida para conter a pandemia do coronavírus, houve uma redução da circulação de veículos e a diminuição da produção industrial. Por isso, a poluição do ar, de praias e rios foram reduzidas, proporcionando melhoras significativas para a vida humana e animal.

Canais de Veneza na Itália ficaram com águas cristalinas sem a circulação de turistas e a presença de cisnes e golfinhos no porto: o afastamento dos seres humanos dos centros urbanos permitiu o aumento da circulação de animais silvestres, aumentando sua qualidade de vida e disponibilidade de recursos para a sua subsistência.

Para a bióloga Cristine Pereira Cadorin, da Secretaria

do Meio Ambiente do Rio Grande do Sul, a mudança na dinâmica imposta pela pandemia é positiva: “Com essa expressiva diminuição, os animais conseguem sobreviver melhor, sem a presença desses lixos que acabam entrando na cadeia alimentar deles, afetando a saúde e podendo ocasionar a até a morte”, explica. Cristiane ainda conta que a diminuição da caça e a degradação dos habitats desses animais pode ser visto como um reflexo para a maior perspectiva de vida das espécies.

Já para o mestre em geografia Rodrigo Altair explica que “Ao se referir ao meio ambiente, não podemos excluir a humanidade dessa concepção, não limitando apenas à natureza ou ao meio físico”. Para Rodrigo, a diminuição da interação do homem com o

meio de maneira geral acabou provocando menos impactos, que estão diretamente relacionados à ação humana sobre a natureza.

Apesar de o mundo ter visto mudanças significativas no meio ambiente, esses efeitos são sentidos de maneiras circunstanciais e o futuro ainda é incerto em relação à durabilidade dessas mudanças.

“Acho que é muito prematuro falar se esses efeitos benéficos serão duradouros ou não, mas tendo a acreditar que isso seja apenas um reflexo desse momento de pandemia e das condições que foram estabelecidas por ela... Caso não haja a mudança do paradigma de consumo e nas formas como o trabalho se desenvolve, acredito que a médio prazo voltaremos àquilo que já vivíamos antes da pandemia”, finaliza Rodrigo.

A PANDEMIA DO PLÁSTICO

O aumento do consumo de plástico durante a pandemia reflete um problema já existente há anos no Brasil: a falta de descarte correto deste material

Texto e Ilustrações
Giovana Marchesini

O descarte incorreto de plástico no Brasil é uma realidade que se intensificou expressivamente com a pandemia do coronavírus. Seja com o aumento de delivery pelo isolamento social ou a produção crescente de equipamentos hospitalares como máscaras e luvas, o plástico produzido é tratado como qualquer outro lixo e encontra seu destino final nas ruas, mares ou em estômagos de animais.



“Não há no mercado brasileiro uma embalagem eficaz em termos de boa performance e capacidade de reduzir a geração de lixo no delivery”, explica Ana Beatriz Nunes, uma das fundadoras da startup de entrega Re.pote, que, com a reutilização das embalagens, busca reinventar o processo de descarte para que ele seja mais sustentável.

A pandemia também fez aumentar a produção de equipamentos de proteção individual, os EPI's, devido à necessidade de máscaras e



outros equipamentos por parte da população. Se por um lado, essa produção salvou vidas, mas, por outro, levou à morte de diversos animais marinhos pelo descarte incorreto, como foi o caso de um pinguim que foi encontrado morto pela ingestão de uma máscara PFF2 na Praia de Juquehy.

Laura Ippolito, bióloga e gerente de operações do Instituto Mar, ONG voltada para preservação da fauna marinha, alerta que o problema é um ciclo ecológico: “Às vezes as pessoas não estão nem aí, não estão preocupadas com os pinguins, com as tartarugas, com os tubarões. Se elas não estão preocupadas com a fauna marinha, elas têm que se preocupar com o ar que elas

respiram. 51% do oxigênio disponível da nossa atmosfera é proveniente das algas marinhas, é proveniente do oceano”, ela conta.

A reciclagem é um caminho para que este e outros problemas ambientais não venham a piorar, mas os poucos que reciclam encontram diversos problemas durante o processo. A autônoma Lourdes Oliveira percebeu que, com a pandemia, houve um aumento na produção de lixo em casa. Ela começou a separar os resíduos, porém, relata que encontra impasses por falta de coleta seletiva: “É uma pena que as autoridades dessa cidade não se importam. Nosso lixo é rico, daria para fazer um belo trabalho e teria retorno em vários aspectos.”



SUSTENTABILIDADE

A MUDANÇA DE CONSUMO NA MODA

Texto: Rafaelly Ferreira

“Acho que a pandemia escancarou os impactos negativos das nossas escolhas no planeta. ficou evidente que nosso comportamento de consumo foi o que desencadeou o coronavírus, e que se não nos conscientizarmos, em breve estaremos enfrentando outro momento como esse.” - Carol, fundadora da Trash

Em tempos pandêmicos a moda, que sempre marcou época teve consequências que tem alcançado novas dimensões pelas perspectivas dos hábitos de consumo; passando por grandes mudanças e fazendo com que não só consumidores pensassem mais sobre o produto que vestem, como também fez com que grandes marcas se reinventassem para sobreviver ao mercado. Da perspectiva de sustentabilidade, uma transparência em relação ao impacto dessa indústria gerou questionamentos sobre os tipos de materiais e impulsiona modelos de negócios alinhados à economia circular;

passando por um processo de descontextualização, já que não havia noção da volta dos



eventos. Houve uma queda de 78% das vendas do mercado e uma mudança drástica sobre a preocupação com o meio ambiente.

“Há um tempo o

movimento slow (living, food, fashion, etc) vem ganhando espaço, justamente pra mostrar que não precisamos de quantidade, e sim de qualidade. muitas marcas, inclusive grandes, já estão aderindo a essas mudanças, criando menos coleções, mais longas, mais atemporais e selecionando melhor suas matérias-primas, tudo isso são pilares da sustentabilidade.”

Conta Carol, uma das fundadoras da marca sustentável e carioca TRECHY. Carol, que mesmo com a marca ter surgido antes da pandemia, em 2019, diz que esse período só veio a reforçar que está no caminho certo.

Atualmente, a indústria têxtil é a segunda mais



foto: Instagram Trechy

poluente do mundo, atrás apenas do petróleo. Ela corresponde de 8% à 10% das emissões globais de gases-estufa; é também o segundo setor da economia que mais consome água, produzindo cerca de 20% das águas residuais do mundo. Processos da produção das peças de roupas exigem muitos recursos naturais causando uma enorme quantidade de produtos tóxicos, que são lançados na natureza. O Gestor Ambiental Walan Basso fala sobre soluções para esses casos.

“Os produtores/fabricas tem que pensar em formas sustentáveis para a sua produção. Entendo que um sistema de gestão ambiental bem implantado dentro do processo de produção ajuda a mitigar ou até mesmo evitar



foto: Instagram Trechy

impactos ambientais.”

O mundo ‘pós-pandemia’ será bem diferente do que já vivemos, o desejo por roupas básicas será mais forte e discussões sobre sustentabilidade devem fazer diferença a longo prazo. “Assim como tudo, a moda sustentável se reinventou durante o período pandêmico e com certeza se firmou e cresceu ainda mais...” conta Geovana Menezes, estudante e Universitária de Design de Moda na faculdade UTFPR e, consumidora do mercado Slow Fashion.

“...Com as novas necessidades, acredito que eu tenha ficado mais crítica para investir numa peça nova, afinal de contas, tudo mudou e tive mais tempo para novos diálogos e novos conhecimentos sobre o mercado e o meu papel como consumidora”

JORNALISTA FORMADO: HOJE, UMA NECESSIDADE

O termo “jornalismo profissional” – como se jornalismo não tivesse de ser assim -, ganha, enfim, seu reconhecimento. Por cansaço e precisão.

Por Giulio Zoiro

Ao efetuar disparos com arma de fogo, o policial tem, por trás de sua trajetória, formação sólida numa academia de polícia. É requerido do profissional da segurança pública uma gama de conhecimentos teóricos que antes, durante e depois de uma reação fazem toda a diferença. A sociedade cobra isso. Não parece lógico, então, que aquele que dispara informação – que, como um projétil, sai queimando e também pode arruinar vidas ou matar - tenha uma amplitude de saberes indispensáveis para a própria atuação? Logo, a importância da formação do jornalista em... jornalismo!

É sabido que grandes nomes da história da imprensa brasileira sequer pisaram numa sala de aula do ensino

superior. Outros, mesmo bacharéis em áreas diversas, jamais cogitaram uma matrícula num curso de comunicação, ainda que o jornalismo tenha sido o grande capítulo dessas biografias. O gigante Audálio Dantas, que inclusive presidiu o Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo nos anos de chumbo, nunca estudou numa faculdade. Nelson Rodrigues, um dos maiores personagens da galeria dos cronistas que deram o primeiro respiro de vida no Brasil, também. Gil Gomes, o gênio do rádio, graduou-se em direito. Esses jornalistas vivenciaram outros tempos. Momentos da história do país em que o notório saber, alinhado à competência individual e ao aprendizado nas próprias redações e nas ruas, era mais que suficiente. Hoje, não.

A popularização mundial das redes sociais, dos smartphones e de outros dispositivos, munidos com teclados, microfones, câmeras e demais apetrechos, transformou até o mais notório dos panacas num produtor de conteúdo. E não qualquer ser midiático, não: alguém com voz ativa, capaz de dizer absolutamente qualquer coisa que lhe vier na cachola. E com multidões, por todo canto,

de escutadores orelhudos, que flexionam seus pescoços para baixo. São atentos. Falantes, também. Por vezes, raivosos. O cenário ideal para a procriação das fake news que, de vez em quando, conseguem mais fama que seus próprios idealizadores. Em 2009, o então presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Gilmar Mendes, tornou sem efeito legal o inciso V do artigo 4º do Decreto-Lei 972/69, que exigia a apresentação de diploma para exercer a profissão de jornalista. Já num curto prazo, a dita “liberdade” teve preço salgado. Não na grande mídia que, via de regra, exige diploma até hoje. Mas em veículos pequenos, que despontavam num meio em ascensão meteórica: a internet. Atualmente, o próprio Gilmar Mendes sofre ataques por causa de “notícias” – por razão filosófica, com aspas mesmo - não alicerçadas em fatos. Para o delírio das multidões de tias e tios do WhatsApp, por exemplo, circula, desde 2018 (ano da última eleição presidencial), uma mensagem dizendo que o ministro viaja em aviões da Força Aérea Brasileira (FAB). E mais: com direito a lagostas em jantares. Mendes, por não ser mais o



presidente do STF, sequer pode requerer transporte oficial da FAB. Em 2018, as fake news deram uma apunhalada na democracia, como aponta o jornalista Mário Magalhães no livro “Sobre lutas e lágrimas: uma biografia de 2018 – o ano que flertou com o apocalipse”. Mas, quatro anos antes, a ampla divulgação de uma notícia falsa fez com que pessoas comuns num bairro de Guarujá, no litoral paulista, apunhalassem Fabiane Maria de Jesus, a primeira vítima fatal da leva de notícias falsas no Brasil. Criada por quatro

amigos sem qualquer vínculo anterior com o jornalismo, a página Guarujá Alerta publicou, no Facebook, um texto, com foto, que afirmava que Fabiane sequestrava crianças da região para usá-las em rituais de magia negra. Diante disso tudo, eis a síntese: o que esta publicação defende não é a proibição de não-formados de produzirem notícia. Acreditar nisso seria, em primeiro lugar, ingenuidade; em segundo, impossível. O que se pretende é reforçar a ideia da desconfiança em novos “jornalistas” – ou, pelo menos,

classificados assim – dos novos meios de se comunicar. É necessário um entendimento da própria sociedade. Necessário crer que, ao passar por um curso superior de jornalismo, o profissional de mídia terá sido apresentado às mais diversas teorias da comunicação. Terá tido a oportunidade de conhecer o método científico, o que há nas entrelinhas da ciência. Se espera que o indivíduo que leva a informação tenha sido apresentado ao **fato** e que, com esse conceito, estabeleça um matrimônio de fidelidade por toda vida.

Jornalismo da FAM



O curso de Jornalismo da FAM busca formar profissionais capacitados para as mudanças e inovações que vem ocorrendo no mercado da comunicação, mas também colabora para formar cidadãos éticos e comprometidos com a sociedade. O curso alia a teoria à prática desde o início e leva o estudante a participar de situações reais de trabalho com atividades nos laboratórios de computação gráfica, de fotografia e nos estúdios de rádio e TV.

O curso de Jornalismo da FAM conta com professores, mestres e doutores, atuantes no mercado e que partilham todas suas experiências práticas e de pesquisa em projetos acadêmicos. Na FAM, os alunos são estimulados a desenvolver Projetos Integrados a cada semestre que, no curso de Jornalismo, são produtos jornalísticos para os meios eletrônicos, impressos e digitais.

Ao longo do curso e também no TCC, os estudantes desenvolvem projetos como web reportagens, documentários, podcasts, livros reportagem, entre outros produtos que servem de portfólio para a carreira. E a FAM também proporciona que o estudante realize o seu Estágio, desenvolvendo suas competências e habilidades para a profissão.

